

O Manual de Oração da Força Expedicionária Brasileira: religiosidade e patriotismo diante da morte em combate (1944-1945)

ADRIANE PIOVEZAN*¹

O Brasil participa desde 2004 de uma missão de paz da ONU no Haiti. Ainda que o país não esteja em guerra, a possibilidade de morrer nesta ação é constante no cotidiano destes soldados. Cerca de 65 militares do Brasil e de outros países morreram. Apenas no terremoto que atingiu o país em janeiro de 2010, morreram 18 militares brasileiros. A presença de objetos religiosos que oferecem conforto espiritual ocorre em nível institucional neste contexto. Em janeiro de 2013, o Batalhão de Infantaria de Força de Paz do Haiti recebeu material religioso para seus soldados. Consta que o material era composto por terços e exemplares do livro “Ofício da Imaculada”. O perigo e o medo diante da morte nestas missões se equivalem aos sentimentos dos combatentes em uma guerra. Neste sentido, os objetos sagrados para o catolicismo servem de consolo, proteção e mesmo reafirmação da fé do devoto em momentos de incerteza e na iminência da morte. Durante a Segunda Guerra Mundial, estes dois objetos também foram distribuídos e encontrados nos cadáveres dos combatentes mortos em ação, o terço e o Manual de Orações do Soldado. O presente texto discute aspectos deste Manual de Orações do Soldado, como foi organizado, que elementos próprios do contexto de guerra são destacados na obra, e quais as orientações para o soldado católico diante da possibilidade de morrer.

Em seu artigo denominado Esboço Histórico do Serviço de Assistência Religiosa do Exército Brasileiro, Maurílio César de Lima remonta a presença de sacerdotes em missões armadas a chegada dos portugueses ao Brasil (LIMA, 1994, 22-27). Podemos identificar que a presença de sacerdotes também era uma necessidade e em alguns casos uma exigência no período das entradas e bandeiras, muitas excursões esperavam a presença dos religiosos para não morrerem desassistidos no sertão.

Nos séculos XVI e XVII partir para o sertão significava enfrentar a morte em combates com os índios que seriam eventualmente capturados na busca de “remediar a

*¹ Doutoranda em História UFPR, bolsista CAPES/REUNI

pobreza” dos paulistas. As incertezas de que se voltaria vivo destas expedições e o medo de morrer “errado” fazia com que a maioria deles deixasse um testamento pronto, muitas vezes redigido 10 ou 15 anos antes da real data de falecimento do autor. Nestes documentos, mais do que aspectos jurídicos das heranças, os desejos religiosos dos testadores eram enfatizados como forma de obrigar seus herdeiros a cumprirem estas obrigações que contribuiriam para a salvação da alma do morto.

Durante a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a iminência da morte e o medo de morrer sem a assistência adequada e os objetos sagrados para os católicos também fez parte das preocupações de nossos soldados envolvidos no conflito.

Carregar objetos religiosos para o front era também uma escolha do ponto de vista operacional para o indivíduo. O combatente ou o militar em serviço já é, naturalmente, sobrecarregado com o peso de armas, munições, ferramentas e equipamentos. No caso do infante da Segunda Guerra Mundial, essa carga pode chegar a 30 Kg. É natural que apenas o essencial ao conforto material e espiritual e identificação seja carregado pelo combatente nessas circunstâncias.

O número de corpos que portavam objetos de uso religioso era de 32,17%. Em praticamente um terço dos cadáveres foram encontrados artefatos ou impressos relacionados a diferentes devoções, praticamente todos de origem cristã.

Neste sentido, percebe-se que o Manual de Orações do Soldado era bem sucinto comparado com outros Manuais de Oração do mesmo período. Possuía 78 páginas, o Orae, um manual completo de orações e instruções religiosas do mesmo ano tinha 432 páginas.

Mas como o Manual de Oração do Soldado foi parar nas mãos dos combatentes brasileiros na Itália? Para responder esta pergunta nos reportamos até a recriação do serviço de Capelania Militar do Exército Brasileiro, que enviou 25 capelães católicos para a Guerra e 2 protestantes.

A ação dos padres no front enfatizou a necessidade de consolidar aspectos da religiosidade católica, com missas, sermões, bençãos, comunhões, crismas junto aos soldados, além de funções e rituais religiosos de assistência aos moribundos.

Desde a Idade Média onde as orações ainda eram manuscritas, era popular a ideia de que a leitura do Ofício para os mortos presente no Livro de Horas pudesse auxiliar o

moribundo a alcançar a salvação de sua alma. Até o século XV, a leitura deste manuscrito era enfatizada tanto para o indivíduo conhecer antecipadamente as orações e procedimentos diante da morte, como para que os outros cristãos o lessem e auxiliassem a alma do moribundo na sua chegada ao além. Segundo WIECK (WIECK (WIECK, 2001, p. 124) no Ofício dos Mortos o tema retratado é o funeral religioso, no qual ocorria a leitura do Ofício, mas outros elementos dos rituais de passagem do indivíduo também eram mencionados como seus últimos momentos no leito de morte, a preparação do corpo e o sepultamento. Como nossa pesquisa se interessa pelas atitudes diante da morte e encontramos na documentação do Pelotão de Sepultamento diversos indivíduos que carregavam o Manual de Orações, destacamos as menções as práticas relativas a morte presentes neste material religioso.

Os manuais de oração serviam para relembrar aspectos da catequese, e mesmo ser a única catequese na experiência de muitos soldados, principalmente os que viviam em regiões mais desastizadas pela instituição católica naquele período.

Publicado pela Editora Vozes, o Manual do Soldado Brasileiro foi organizado pelo Major Cláudio de Paulo Duarte da União Católica dos Militares em junho de 1944. Já na capa da publicação, ao invés do símbolo do Sagrado Coração de Jesus, da Virgem Maria ou de qualquer outro elemento religioso como os demais manuais de oração, neste encontramos o brasão da República do Brasil e a inscrição do Ministério da Guerra. Tais aspectos destacam o momento de excessão que se encontrava o usuário do manual, uma guerra mundial e a presença da pátria e de sua instituição o Exército mesmo se tratando de um objeto para fins religiosos.

Na quarta página é que aparece a primeira ilustração religiosa do manual do sacrifício de Jesus crucificado, com a inscrição em latim Pontifex Amoris Victima.

A primeira oração que aparece tem o título de Orações Diárias e uma iluminura no início da página com um Arcanjo. Já na primeira frase menções a posição de quem lê o manual, o soldado, a sua missão no caso salvar a Pátria, e a situação em que se encontra, a ameaça de morte. Neste sentido, a oração inicia com pedidos e no final destaca a posição de soldado e militar, justificando por isso o tom sucinto das orações, já que não possuem tempo para longas leituras por conta de sua missão.

Antes da ilustração com o Sagrado Coração de Jesus, existe ainda um parágrafo para reafirmar que havendo tempo, repouso e calma entre as lutas, aí sim o soldado deve recitar as orações que se seguem.

O Manual apresenta adequação as circunstâncias, pois sabe que inútil seria orientar o soldado a realizar todas as indicações ali contidas numa situação sem rotina previsível. Em uma biografia sobre o Capelão Frei Orlando, e em outras memórias de ex-combatentes, os serviços e atividades religiosas são lembradas pela adaptação aos momentos em que era permitido realizar uma atividade com este intuito. Mesmo aspectos da liturgia e sacramentos religiosos não seguiam rigorosamente os trâmites normais. O front não tinha igreja, o altar era improvisado, mesmo batismos e outras funções religiosas eram condensados ao máximo porque a missão ali era de lutar e estar atento ao ataque do inimigo.

Na oração da manhã, aparece a Oração do Soldado, em que se invoca a Virgem Conceição Imaculada. É em 1928 que Aparecida é coroada a padroeira do Brasil, portanto a devoção a Aparecida é notória neste período. Hoje a relação entre Nossa Senhora Aparecida e as Forças Armadas é tão mais próxima que o próprio Manual de Orações do Soldado foi substituído pelo Ofício da Imaculada. Totalmente dedicado ao culto de Maria.

Seguindo a Oração da Manhã encontramos a Oração da noite, ambas fecham com orações do Pai Nosso e da Ave Maria e o Glória Ainda encontramos o Ato de Contrição, o Salve Rainha, a Confissão e novamente o Ato de Contrição.

Na página 16 do Manual de Orações existe o subtítulo Verdades principais a crer. Neste trecho, o manual torna-se uma síntese de livros de catequese, onde a onipotência de Deus é enfatizada, a Santíssima Trindade, etc. Logo após aparecem os Mandamentos, ou seja, uma consolidação dos ensinamentos católicos pela repetição do catecismo ou como várias memórias de capelães insistem em afirmar, a apresentação dos preceitos católicos para os soldados que jamais fizeram a catequese.

Como nosso interesse neste artigo se refere a questão da morte, destacamos após a apresentação dos Mandamentos o ítem Novíssimos do homem em que o primeiro deles diz respeito a morte na seguinte frase: “Morte – Todos nós um dia havemos de morrer. Em seguida, existe o segundo, terceiro e quarto em que aparecem em ordem, o Juízo, o Inferno e o Paraíso. Nesta passagem, percebe-se o destaque para a ideia de bem morrer e para os

castigos ou recompensas relacionados com a boa morte, tanto do indivíduo ou como perpetrada por ele num conflito.

Novamente o tom de catecismo retorna ao Manual, em que duas páginas são destinadas aos Sacramentos, terminando com uma oração do Creio. Ainda encontramos outros Atos típicos do catecismo descritos no Manual como o Ato de fé, Ato de Esperança e o Ato de Caridade.

O tom didático da publicação traz o sub ítem Algumas Outras verdades, em que a ideia de virtude é desenvolvida a partir dos preceitos cristãos. Além da virtude, outros comportamentos também são analisados pela ótica do catolicismo como o vício, o pecado, inveja, preguiça, etc. No final deste capítulo, Regra do bem viver inicia com todas as exortações comuns aos católicos, obedecer os mandamentos, sacramentos, etc. No último parágrafo, novamente a Pátria aparece, no trecho: “ Pede a Deus pelo Brasil, pela esposa, pais, filhos, pela vitória, pela paz com justiça e pela Igreja”. Aqui percebemos que a missão do soldado é constantemente lembrada para o cristão que lê Manual de Orações e seus atos na guerra são também lembrados nesta passagem”Tiveste a desgraça de pecar gravemente”, afinal que soldado não matou outro numa guerra? Mas o texto continua “Faze logo o ato de contrição, pede perdão e logo que possas, corre a um Padre e confessa-te. Louvado seja Deus”. Percebemos que a presença da assistência dos religiosos é enfatizada no Manual, como auxiliar para que tais preceitos do catolicismo sejam devidamente cumpridos num contexto de guerra.

Entre as atividades que os capelães exerciam no front italiano, sem dúvida ouvir as confissões estava entre as mais buscadas pelos devotos. Embora sem uso de confessionário e em situações diversas, encontramos depoimentos de busca deste sacramento pelos soldados no front. Um capítulo inteiro do Manual de Orações é dedicado a comentar a Confissão e orientar o indivíduo a realizar uma boa confissão católica. Trata-se de um esquema de possíveis perguntas referentes ao comportamento do cristão, para que ele faça as indagações e confesse a partir deste esquema seus possíveis pecados. Nas palavras do Manual, um exame de consciência que o soldado deveria realizar, seguindo da oração do ato de contrição, tantas vezes repetido no Manual, para a absolvição dos pecados. A urgência em cumprir a penitência instruída pelo sacerdote é destacada no texto, ainda que em um ambiente não ideal para tais

práticas, este aspecto não é levado em conta e sim a ideia de confissão, absolvição e perdão total das faltas.

Aspecto relevante e de destaque em outros manuais de oração, como o Oraem numa edição de 1939, o Sacrifício da missa e da Comunhão recebeu ao todo 8 páginas dedicadas ao assunto na publicação especial para o soldado em guerra. A Comunhão, outro sacramento católico bastante enfatizado, neste momento também é descrito com detalhes.

Encontramos, porém, um adendo específico para a situação na qual se encontravam os leitores deste Manual. Trata-se do item “Para receber a sagrada comunhão fora da Santa Missa”. Tais práticas ocorreram em diversos momentos durante a Campanha Brasileira na Itália e alguns ex-combatentes relataram esta prática em suas memórias.

É na página 40 do Manual que encontramos mais um aspecto relevante para nosso enfoque sobre os comportamentos diante da Morte neste contexto de Guerra. Refere-se ao item “Ato de Aceitação da Morte”.

O caráter de sistematizar as orações e destacar apenas o essencial é evidenciado neste momento do Manual de Orações. Se compararmos com outros Manuais de Oração do período, percebemos que há uma redução drástica nesta passagem. Enquanto num manual como o Orae o Ato de Aceitação da Morte tem oito itens divididos em seis páginas, no Manual de Oração do Soldado são apenas duas páginas. Na terceira existe o subtítulo Assistência aos Moribundos.

Vale ressaltar que a passagem colocada no espaço destinado ao ato de aceitação da morte no Manual de Oração do Soldado é o Ato de Conformidade dos demais Manuais de Oração. Estes, mais completos, dividem o Ato de Aceitação da Morte em Ato de fé, Ato de Esperança, Ato de caridade e arrependimento, Ato de conformidade, Súplica a Maria, Súplica aos Santos, Súplica a Jesus, Súplica a Maria mãe dos agonizantes.

Mesmo no trecho que é semelhante, ou seja, o ato de conformidade da morte, no Manual do Soldado a súplica é mais sintética. Apenas se diz que “aceito desde jpa de vossa mão, com todos os sofrimentos, penas e dores, o gênero de morte que vos aprouver me reservar”. Enquanto no Orae os termos sacrifício e resignação são repetidos, no texto escrito para a Guerra estes termos não aparecem neste momento. Em outros momentos a ideia de sacrifício aparece ligado a ideia de Pátria.

Neste ponto, notamos que o uso de determinados termos são comuns no Ocidente em referência aos mortos em Guerra. Segundo a Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer, nos monumentos fúnebres certos termos são usados para se referir aos que morreram em guerra. Destes, a maioria fala em soldados que “tomaram” e não morreram. Já o vocábulo “sacrifício”, aparece sempre no contexto em que os homens foram enviados para se sacrificarem e não matarem outros homens. Esta passagem do matar em guerra não é mencionado no Manual de Orações, sutilmente a ideia de que isso pode ocorrer aparece em alguns trechos, mas sempre envolto na questão do sacrifício que é para o cristão tirar a vida de outro ser humano.

Embora sucinta esta parte da oração do Ato de Aceitação da Morte, era repassado na catequese católica do período como de importância vital para a salvação do cristão. Segundo nota encontrada no Orae, foi o papa Pio X que indicou tal oração que lida uma vez na vida poderia substituir o sacramento da Extrema-Unção na hora da morte do indivíduo, seria uma indulgência dada ao papa ao cristão que fez este ato de contrição em algum momento de sua existência. Em uma situação de guerra, por mais que existam sacerdotes, a morte poderia chegar num momento em que tal assistência não existiria, por isso a importância desta indicação por parte dos capelães e a distribuição de tal material religioso.

Ainda identificando as especificidades do Manual de Orações do Soldado em relação com outros manuais de oração católicos do período, destaca-se a passagem referida como Assistência aos Moribundos. O caráter de ensinar o soldado a se comportar com um bom católico num ambiente hostil como o de uma guerra, se faz presente neste trecho deste material religioso.

Nota-se neste trecho da publicação a maior referência ao inimigo na guerra em que “em primeiro lugar cumpre com o dever de soldado, vence o inimigo”. Após o combate, num momento de calma segundo o Manual, aí sim entra em cena a figura do cristão: “junto ao ferido, procura aliviá-lo dos males, consola-o e conforta-o”. O respeito as diferenças de religião do inimigo são colocadas neste momento. O manual se refere a duas condições: se for católico falar ao inimigo ferido de Maria, se não for falar de Jesus. Mas sempre naquela intenção de conseguir novos fiéis, mesmo na hora da morte, o manual também fala que sendo protestante além de falar em Jesus, na Paixão e na Redenção, caso o moribundo queira se

tornar católico na hora da morte é possível que seja batizado enquanto tal. Para isso, o soldado deveria voltar até a página 26 para realizar um batismo em condições de combate.

Outro ponto de destaque nesta passagem é a utilização de outros objetos do sagrado para que o outro possa morrer uma boa morte. O objeto em questão é o terço. Segundo a pesquisa da antropóloga Paola Lins Oliveira “o terço também é percebido como objeto do qual emana certo tipo de força, um poder especial que ultrapassa sua dimensão utilitária” (OLIVEIRA, 2009) Este elemento aparece no Manual de Oração, o poder do terço no momento da morte que deve ser “puxado do bolso”, considerando que o bom cristão leva o terço no bolso. Depois deve ser mostrado o crucifixo presente no terço para o moribundo beijar, colocar o terço nas mãos ou no peito do indivíduo. Estas instruções eram comuns entre os soldados católicos, mesmo o mais famoso e célebre capelão católico em guerra, o Frei Orlando, quando percebeu que iria morrer, retirou o terço do bolso e colocou em suas mãos.

Outros elementos como a medalha de Nossa Senhora também são elencados como objetos singulares com valor sagrado na hora da morte. Mesmo sem nada disso, ainda segundo o Manual, basta falar o nome de Jesus que “dito com amor e contrição, salvar qualquer pecador arrependido e contrito”. Depois disso, existe uma sequência de procedimentos a serem realizados, de rezar o rosário, dando o mesmo para o moribundo beijar. Após o terço, existe uma Ladainha de Nossa Senhora, terminando com um Oremos em que se pede novamente a salvação da alma do indivíduo.

Ainda existe no Manual de Orações, no que diz respeito a morte em campanha, a Oração pela morte gloriosa. Esta oração está na sessão de orações diversas do Manual. O tomo desta oração, como sempre, é de colocar o soldado acima da posição de cristão. O soldado, mais do que qualquer outro cristão teria que estar preparado para a morte. A oração para a morte gloriosa, reafirma a necessidade de estar com o terço na mão e beijar o crucifixo presente no terço.

Nesta Oração ao Jesus Crucificado, os pedidos são para uma boa morte do soldado, em campo de batalha ou ferido. Nesta passagem encontramos menção a Pátria. Novamente o termo sacrifício aparece e o nome do país, Brasil, também é enfatizada a presença dos objetos sacralizados nesta hora derradeira. O crucifixo aparece novamente, mesmo que o soldado não

enxergue mais o objeto, ou não consiga alcançá-lo, em sua mente e na oração é isto que sabe que deveria fazer para alcançar uma boa morte.

Após esta oração, existe um aconselhamento de como é a preparação do soldado, enquanto um católico conhecedor de sua doutrina, diante de um combate. Esta preparação consiste de três etapas: a comunhão espiritual, fazendo o sacrifício e por último aceitando a morte e “preparando-se para ela bravamente pelo Brasil”.

A questão da pátria é destacada quando se fala em morte no Manual de Orações do Soldado. O texto sugere que a morte cristã é uma boa morte se o objetivo for a pátria. Nota-se que o nome da Pátria, no caso, Brasil, aparece três vezes no Manual. O exército, enquanto instituição que representa o Brasil não aparece nos termos utilizados nas orações desta parte do Manual. Já a última parte do Manual é dedicada ao culto do Marechal Caxias, mas este assunto permite diversas variáveis que caberia em outro texto.

Percebe-se que o Manual de Orações do Soldado Brasileiro compõe uma fonte repleta de informações que permitem refletir sobre a dimensão da religiosidade dos combatentes e da instituição religiosa no período.

Desta forma, é possível questionar como este objeto singular, preparado justamente para este evento de caráter mundial e inédito para o país, tem seu valor enquanto objeto sacralizado. A sacralização do Manual de Orações se dá pelo valor de descrição e instrução em detalhes do comportamento do soldado católico no front de batalha e para que o mesmo, diante da morte, soubesse se comportar e alcançar a salvação de sua alma.

O Manual possui também a possibilidade de perceber o caráter particular do catolicismo no Brasil neste período. Segundo o censo demográfico de 1940, cerca de 95% da população brasileira era católica. Elementos típicos deste catolicismo brasileiro aparecem no texto, como a referência ao terço ao invés da utilização do termo rosário, da questão das medalhas de santo, mas também da menção a existência de soldados de outras religiões, como os protestantes e de como se comportar com a morte destes indivíduos de maneira que todos pudessem salvar suas almas de acordo com seus ritos corretos de passagem.

Referências Bibliográficas

FERRAZ, F. & PIOVEZAN, A. *Imagens da Morte nos Documentários Brasileiros Sobre a Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá, 2011.

HOWARTH, G. & LEAMAN, O. *Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer*. Lisboa: Quimera Editores, 2001.

LIMA, M.C., Esboço Histórico do Serviço de Assistência Religiosa do Exército Brasileiro, in *Revista do Clube Militar*, ano 1994, vol. 67, n. 315, pp. 22-27.

Manual de Orações do Soldado, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1944.

OLIVEIRA, Paola Lins. Circulação, usos sociais e sentidos sagrados dos terços católicos, *Revista Religião e sociedade*. vol.29 no.2 Rio de Janeiro, 2009.

ORAE Manual completo de orações e instruções religiosas, Lisboa, Ed J Steinbrener, 1939.

PALHARES, Gentil. *Frei Orlando: o capelão que não voltou*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1982.

WIECK, Roger S. *Painted prayers : The Book of Hours in Medieval and Renaissance Art*. New York: George Braziller, 2004.

_____. *Time Sanctified : The Book of Hours in Medieval Art and Life*. 2. ed. New York: George Braziller; Baltimore: The Walters Art Museum, 2001

WINTER, Jay. *Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*. Cambridge University Press, 1995.